

Luis Carlos Avila, *O Brasil Místico: O Caso Rosacruz* (São Paulo: Multiletra, 1995) 126 pp.

A escolha do tema se deve ao grande aumento, em nível mundial e particularmente no Brasil, do interesse em novas e antigas formas de religiosidade do tipo místico, esotérico e ocultista. Tal fenômeno "tem atingido violentamente e de forma negativa a igreja de Cristo" (p. 9).

O primeiro capítulo do livro, intitulado "A atual onda místico-esotérica no Brasil," começa pela definição dos termos básicos: mística e misticismo. Oriundos do grego *mystikos*, relativo aos mistérios, estes conceitos dão ênfase à experiência religiosa que permite ao indivíduo uma relação imediata com Deus e as realidades sobrenaturais. Em suas expressões mais radicais, o misticismo preconiza uma união transcendente com Deus e a absorção final na divindade. O autor aponta para algumas distinções úteis feitas pelos estudiosos (misticismo epistemológico, metafísico e ético-espiritual, e misticismo filosófico e psicológico), mencionando de passagem a existência de um legítimo misticismo cristão.

A seguir, Avila aponta para as evidências do crescimento do misticismo mágico e ocultista no Brasil: as comunidades esotéricas do Planalto Central, feiras e congressos místicos, escolas especializadas em diferentes estados, a influência da televisão, publicações (Paulo Coelho), etc. As causas apontadas pelos analistas para essa onda mística são diversas: a insatisfação e problemas experimentados pelas pessoas; a reação ao cientificismo e materialismo da cultura moderna; o advento da Nova Era neste final de milênio; a frieza e rigidez das religiões tradicionais. O misticismo atrai devido à promessa de grandes experiências e emoções, a solução de toda espécie de problemas, maior auto-conhecimento e integração interior, tudo isto sem grandes exigências de mudança ética e espiritual.

Avila encerra este útil capítulo fazendo uma crítica às igrejas evangélicas que utilizam práticas do "misticismo emocional e milagroso" para atrair ou manter os seus membros. Porém, ao argumentar que as igrejas devem tornar-se mais acolhedoras e fraternas, valorizando os seus membros, o autor termina por incluir-se na crítica anterior ao afirmar que assim "as pessoas se sentirão bem na igreja e não procurarão outros grupos" (p. 32). Existem razões mais importantes para as pessoas permanecerem na igreja do que simplesmente sentirem-se bem (por exemplo, o estudo sério das Escrituras e a preocupação de agradarem a Deus e não a si próprias). Falta neste capítulo a definição de outros termos-chave como esoterismo, magia e ocultismo.

Os três capítulos seguintes abordam o rosacrucianismo, uma das principais organizações esotéricas que atuam no Brasil. O capítulo 2 oferece uma síntese histórica da AMORC — *Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis* — desde as suas supostas origens no Egito antigo (séc. XIV A.C.) até os dias atuais. As primeiras informações sobre a Ordem surgiram no início do séc. XVII, com a publicação de alguns escritos anônimos na Alemanha que despertaram grande interesse. Muitos grupos secretos surgiram em diferentes países europeus, os quais combinavam cabala, gnosticismo, espiritismo, medicina e alquimia. Foi somente no séc. XVIII que surgiram organizações rosacruzes com doutrina mais fixa e estrutura definida, assumindo as feições de um grupo religioso. O autor pondera que naquele século atribuía-se o nome "rosacruz" a todo grupo de "iluminados" que afirmasse ter relações secretas com o mundo invisível (p. 41). Os atrativos do movimento

consistiam no conhecimento de segredos profundos, na posse de faculdades extraordinárias e na promessa de aprimoramento pessoal e social.

Existem muitas organizações rosacruz, sendo as mais importantes a Sociedade Rosa-Cruz, pouco conhecida no Brasil, e a AMORC (Ordem Rosacruz), organizada em 1909 por H. Spencer Lewis. A AMORC brasileira foi organizada em 1956 e está sediada em Curitiba. As estimativas do número de adeptos variam de 30 mil a 200 mil. A entidade investe pesadamente em literatura como meio de alcançar novos adeptos e é a organização ocultista-esotérica-religiosa que mais tem crescido no Brasil nos últimos anos. Tal crescimento é atribuído por um de seus líderes às incertezas políticas e econômicas do país (p. 50). A doutrinação dos adeptos estende-se ao longo de 12 graus e existe uma grande atuação junto aos jovens. O símbolo da AMORC é uma cruz lobulada que simboliza o corpo humano com os braços abertos em saudação ao sol nascente. No centro da cruz encontra-se uma rosa vermelha que simboliza a alma humana ou o desabrochar espiritual do ser humano.

O texto do livro às vezes é confuso: por exemplo, na p. 43 se diz que o atual Imperator (líder supremo) da AMORC é o francês Christian Bernard; na página seguinte essa função é atribuída ao americano Gary L. Stewart.

O 3º capítulo é bem breve e propõe-se a abordar a estrutura e a filosofia de trabalho da AMORC, embora o autor também trate de outros assuntos. A Ordem tem uma hierarquia fechada à qual poucos adeptos têm acesso. As ordens e instruções vêm de cima e devem ser aceitas sem reservas. Embora identifique-se como uma sociedade fraternal ou uma entidade de serviço, a AMORC tem todas as características de uma seita ou religião secreta. Seus métodos de trabalho incluem o envio de literatura a pessoas destacadas da comunidade (a propósito, a AMORC alega que ilustres personagens da história como Benjamin Franklin, Francis Bacon, Albert Einstein e Faraó Akhenaton foram todos rosacruz). A Ordem também dá ênfase ao testemunho pessoal dos membros como método de divulgação. No final do capítulo o autor aponta para algumas semelhanças e diferenças entre a AMORC e a Maçonaria.

O capítulo 4, que é o mais longo de todos, tem um teor fortemente apologético. Ao descrever os ensinamentos doutrinários do rosacruçianismo, o autor mostra como os mesmos negam cada doutrina do cristianismo. Os tópicos abordados incluem alegações de origem extraterrestre, o desenvolvimento da mente, a natureza do ser humano, a prática do ocultismo, o homem e a vida, Deus, Jesus Cristo, a salvação, a Ordem como uma religião, a Bíblia, a oração, a ciência, o domínio da vida, o mundo além e a reencarnação. O valor deste capítulo está no uso de fontes da própria AMORC para a descrição das suas doutrinas e na farta argumentação bíblica utilizada para contestar os ensinamentos rosacruz, mostrando a total incompatibilidade dos mesmos com a fé cristã histórica. O autor demonstra que a Ordem Rosacruz é mais uma religião de auto-redenção centrada na busca de aperfeiçoamento e evolução pessoal através do desenvolvimento das potencialidades humanas, até se atingir o alvo maior — "a harmonização cósmica, de comunhão e diluição no Absoluto" (p. 98).

Na conclusão Avila volta a falar do misticismo em geral, apontando para as razões do seu enorme fascínio neste final do século XX. Se, por um lado, existe um conflito irremediável entre o misticismo esotérico e a fé bíblica, o autor também opina que, por outro lado, muitas igrejas têm uma parcela de responsabilidade pelo fato de muitos dos seus membros estarem se voltando para o esoterismo. Algumas falhas apontadas são as seguintes: ênfase excessiva ao pecado e suas tristezas, sem igual destaque à dimensão

libertadora do evangelho; pregação por demais moralizante e radicalizante; o uso da Bíblia para legitimar as ideologias religiosas tradicionais das igrejas; o culto preso a uma liturgia ultrapassada, individualista e hierárquica; ausência de participação dos fiéis e de comunhão com o restante do corpo de Cristo; e, acima de tudo, a ignorância da Palavra de Deus e a falta de uma espiritualidade mais profunda e dinâmica. O capítulo termina com algumas sugestões práticas e construtivas quanto à maneira como as igrejas devem atuar em resposta à "onda mística."

Após um apêndice sobre pontos de conflito entre a Ordem Rosacruz e a fé cristã, o autor arrola uma boa seleção de recursos bibliográficos.

No seu conjunto, *O Brasil Místico* é uma obra bastante relevante e um bom ponto de partida para quem deseja adquirir algumas noções básicas sobre um movimento que representa um sério desafio para as igrejas evangélicas do Brasil.

— Alderi Souza de Matos